

# Performance da Banda Ab'Surdos: desafios e possibilidades

*Gislaine Sousa Silva*

Universidade Federal de Uberlândia  
gislaineaesurdos@gmail.com

*Sarita Araújo Pereira*

Universidade Federal de Uberlândia  
saritaaraujo@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho analisa o processo de aprendizagem de música para surdos no Conservatório Estadual de Música de Uberlândia, com destaque para os resultados obtidos pela Banda Ab'Surdos, considerando os aspectos sociais/educacionais envolvidos nesse processo. Levamos em conta nossas experiências como professoras, a fim de trazer este relato de experiência. Mostramos como ocorre a formação e o desenvolvimento de um grupo musical que tem por objetivo dar oportunidade a jovens surdos, em sua maioria crianças e pré-adolescentes, para poderem fazer parte de algo que parece muito distante de sua realidade, fazer música, participar de uma banda. Os objetivos dessa banda são muitos, entre os quais levar à população, em geral uma atração de entretenimento por meio da música feita por integrantes surdos, reforçando a ideia de que música pode ser feita, sim, por alunos surdos, bem como mostrar para eles um novo universo de possibilidades musicais.

**Palavras chave:** Inclusão Social. Banda. Surdez.

## Introdução

A vivência musical, ao que se percebe, está presente em todas as culturas, no cotidiano das pessoas e é capaz de integrar aspectos afetivos, linguísticos e cognitivos. Muitas pessoas, de diferentes faixas etárias, têm acesso à música e às suas diversas formas de expressão, mas e quanto às pessoas que não são capazes de ouvir? Por meio da música, é possível o surdo conseguir uma nova forma de aprender tendo-a como aliada no processo educativo? É possível que os professores atuem como mediadores e tenham como papel fundamental facilitar a aprendizagem, atuando como orientadores e estimuladores do processo de ensino-aprendizagem musical para o aluno surdo? Quais os efeitos da performance musical sobre os músicos surdos que compõem a banda Ab'Surdos?

Ao longo de muitos anos, a concepção sobre surdez foi sendo construída no entremeio de inúmeras indiferenças e de questionamentos como esses, o que fez surgirem muitos equívocos em relação aos surdos e, principalmente, em relação à Educação deles.

Quando se trata então da Educação Musical, a situação torna-se ainda mais complexa, pois partilharmos da concepção de que a surdez é uma experiência visual em torno da qual, pessoas surdas se reúnem e vivem a condição de serem surdos, mas devemos considerar que elas têm meios diferentes de perceber o mundo, de perceber a música. E o momento que vivemos é um momento em que essas diferenças devem ser levadas mais a sério, porém, isso requer uma mudança de pensamento, atitudes de nós, ouvintes, e, acima de tudo, respeito pelo diferente.

Pensar em música para surdos não deixa de ser um assunto polêmico. Muitos estudos que defendem uma cultura surda<sup>1</sup> dizem que a música é entendida de acordo com a concepção do ouvinte, e que o surdo não faz parte dessa cultura, ou seja, os surdos não apreciam música, não assistem a um concerto, não tocam um instrumento musical. Mas, a partir do momento em que a música passa a fazer parte da manifestação cultural dos surdos, eles começam a concebê-la de maneira diferente que nós, ouvintes, o fazemos, desmistificando a concepção de que existe uma forma correta de se definir música, uma concepção rígida/estática.

Para outro grupo de surdos, a experiência musical tem um fator sensorial. Fink (2009) traduziu parte de um depoimento da percussionista surda Evelyn Glennie:

[...] ouvir é basicamente uma forma especializada de toque. O som é, simplesmente, o ar vibrando que o ouvido colhe e converte em sinais elétricos e que, então, são interpretados pelo cérebro. A sensação do ouvir não é o único sentido que pode fazer isto, o toque pode fazer isto demasiado. Se você estiver em uma estrada e um caminhão grande passar por perto, você ouve ou sente a vibração? A resposta é ambos. Com a vibração de frequências muito graves o ouvido começa a se transformar ineficiente e o resto do sentido de toque do corpo começa a dominar. Por alguma razão nós tendemos a fazer uma distinção entre o ouvir um som e o sentir uma vibração, que na realidade são a mesma coisa. É interessante notar que na língua italiana esta distinção não existe. O verbo “sentire” significa ouvir e o mesmo verbo na forma reflexiva “sentirsi” significa sentir. A surdez não significa que você não pode ouvir, apenas que há algo errado com o ouvido. Mesmo alguém que é totalmente surdo pode ainda ouvir/sentir sons. (GLENNIE, 2008 *apud* FINK, 2009, p.60).

Dessa maneira, pode-se inferir que para Glennie, o processo de escutar está relacionado à percepção dos outros sentidos e não somente da audição. Pode-se ouvir com

---

<sup>1</sup> Entende-se cultura surda como a identidade cultural de um grupo de surdos que se define enquanto grupo diferente de outros grupos. Essa cultura é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela se traduz de forma visual (QUADROS, 2003, p.10).

todo corpo. Podemos afirmar que a música está presente no cotidiano das pessoas surdas de diferentes maneiras, assim, a relação entre música e surdez passa a ser algo menos distante de ser entendido e começa a ser possível acreditar no seu processo de ensino e aprendizagem como um caminho para que alunos surdos tenham experiência/vivência musical em suas vidas.

Com isso, muitos paradigmas passam a ser quebrados e a possibilidade musical torna-se mais aceita dentro das particularidades inerentes ao sujeito surdo, bastando apenas que o professor repense suas práticas diárias e acredite nas potencialidades de seus alunos surdos.

Nesse sentido, em relação ao professor, lança-se uma questão: será que estamos, como educadores, preparados para atender e entender o significado que a música passou a ter para os surdos? É preciso parar para refletir sobre essa nova concepção de ensino e aprendizagem, na qual o professor que tenha surdos em sua sala de aula passe a perceber a necessidade de desenvolvimento de outros métodos que atendam às especificidades desses alunos surdos, para que eles tenham desenvolvimento satisfatório em sua aprendizagem musical.

Neste texto, apresentamos alguns recortes sobre questões que nos forçam a repensar uma mudança de atitudes, de pensamentos e de ações em relação às pessoas surdas, conduzindo-nos a um novo olhar sobre as reais possibilidades (inclusive de estudar música) que os surdos possuem. Colocamos aqui uma citação de Cervelini (2003) que diz que compreender o sujeito surdo como um ser de possibilidades é o caminho para a construção de um homem livre, ator e autor de sua própria existência. Percebendo-o como pleno de possibilidades, posso então ser com ele e contribuir para seu crescimento como pessoa (CERVELINI, 2003, p.68).

São desafios lançados frente a um olhar que leva em consideração o “ser diferente”, e não o “ser deficiente”.

## Contextualizando a Banda

Qual seria a reação mais esperada ao se deparar com uma banda composta basicamente de alunos surdos tocando os mais variados instrumentos e estilos musicais? Talvez a primeira reação da maioria das pessoas seja a de espanto, de surpresa seguida de muitas emoções. Não é muito diferente disso o que temos presenciado nas apresentações da Banda Ab'Surdos.

A Banda Ab'Surdos é um projeto do Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli na cidade de Uberlândia-MG, que está vinculado a outro projeto que é “O Surdo: Caminho para Educação Musical”, iniciado no ano de 2001, sob a responsabilidade da professora Sarita Araújo Pereira, surda bilíngue e que utiliza prótese auditiva bilateral.

O Conservatório Estadual de Música Cora Pavan Capparelli (CEMCPC) atua em consonância com as leis brasileiras, no que diz respeito ao atendimento aos alunos especiais “visando à aprendizagem e desenvolvimento pessoal adequando-os às modalidades próprias de acordo com o número de vagas, faixa etária e realidade escolar” (PPP, 2012, p.20). É uma questão que vale aqui ressaltar deve-se aos objetivos colocados pela escola em seu PPP:

O ensino para estes alunos tem os mesmos objetivos estabelecidos nas etapas, ciclos e fases da Educação Musical. O planejamento de ensino em relação aos alunos da Educação Especial visa não haver distinção entre pessoas e cabe ao professor, ser observador e atento à trajetória evolutiva do aluno. Para tanto, é necessário que o currículo seja flexível e que a avaliação seja diagnóstica e não comparativa, pois o crescimento é individual (PPP, 2012, p.21).

Vê-se aqui que a escola tem praticado a inclusão de forma ampla, não apenas com surdos, mas também com alunos cegos, cadeirantes, deficientes intelectuais e outros. Dados levantados pela escola no ano de 2012 apontam para um número de 189 alunos com necessidades especiais, entre todas as modalidades atendidas pela escola, entre os quais 35 são surdos. No PPP, é colocado que a seleção e as matrículas dos alunos com necessidades especiais acontecem por meio de inscrições e, posteriormente, entrevistas dos coordenadores dos projetos de inclusão do CEMCPC com os pais ou responsáveis dos alunos, a fim de detectar as necessidades educacionais e o grau de deficiência. E com as informações coletadas, esses alunos são direcionados aos instrumentos mais adequados. A escola estabelece um percentual de 5% de vagas para matrículas de alunos especiais. Os alunos

surdos participam de todas as disciplinas que constam na grade curricular do ensino fundamental, assim como das aulas de prática de conjunto.

E foi no ano de 2004 que o projeto de criação de uma banda resultou na Banda Ab'Surdos, que tem como finalidade não só a interação social do surdo, a inclusão escolar, bem como a formação profissional desse aluno. A escolha do nome da banda foi idealizado pela professora Sarita e pela aluna Daniela Prometi.

A banda com seu caráter inclusivo é composta por onze alunos surdos e quatro ouvintes que tocam percussão e harmonia e é formada basicamente por adolescentes e alguns adultos surdos ou deficientes auditivos. Quanto às cantoras, a banda também se diferencia, pois consta com duas: uma ouvinte e outra surda que interpreta as letras das músicas por meio da Libras. Além dos alunos, a equipe da banda conta com dois intérpretes em Libras e três professores. O ensaio da banda se dá às quintas-feiras das 18h10min às 19h50min.

No ano de 2010, a banda lançou seu primeiro DVD e CD com regravações de música dos mais variados estilos (pop, xote, rock, hip hop, entre outros ) e pretende, no ano de 2014, lançar seu segundo DVD, porém com um grande diferencial que é o fato de as músicas não serem mais regravações, mas, sim, composições dos próprios componentes da banda, principalmente dos surdos.

O trabalho musical da Banda Ab'Surdos já foi divulgado em vários setores da comunidade. No âmbito educacional, já teve participação em universidades federais e particulares, encontros e mostras dos conservatórios estaduais de Minas Gerais, já participou de premiações vencendo como melhor música comunicativa no Festival Universitário realizado na UFU no ano 2012. Em julho de 2011, a banda participou do MIMU (Movimento Internacional de Música em Uberlândia) e, pela primeira vez, teve a oportunidade e honra de tocar junto à orquestra sinfônica do MIMU, com a música “Que Absurdo”, composta pelo componente surdo da banda Levy Costa Ferreira. Também, podemos citar uma publicação de um documentário da Banda com histórias de superação musical no Livro Arte “Um olhar muito especial III” realizado pelo projeto do Instituto muito Especial no Rio de Janeiro em Março de 2008.

Essas iniciativas são importantes e se fazem relevantes, por servirem como incentivo para que outros profissionais possam ter contato com processos de ensino-aprendizagem envolvendo alunos surdos. E ainda, destacam processos educativos que contribuem não só

para o desenvolvimento intelectual, perceptivo e motor do músico surdo, mas também para o conhecimento de si próprio, por ser a música arte de expressão por excelência.

Para os alunos surdos, no primeiro contato com os instrumentos, já são trabalhados diversos aspectos relacionados ao fazer musical. Inicialmente na prática de conjunto, o professor de percussão deixa os alunos à vontade para explorarem os instrumentos de forma “lúdica”; em seguida, ensina alguns padrões rítmicos pelo processo de imitação, depois de reforçar bem o treino, mostra como se dá a escrita na partitura. Além da prática musical especificamente, são trabalhados conteúdos de notação musical. Normalmente, as aulas teóricas são realizadas separadamente das aulas práticas.

A relação entre professor e alunos é de respeito, confiança e admiração. Os surdos respeitam o professor e as regras do grupo e participam das atividades propostas. Esse relacionamento se reflete na relação entre os próprios alunos surdos, cujo clima é bastante positivo.

## **Performance da Banda Ab'Surdos**

Hikiji (2005) define o significado da performance musical em projetos de inclusão com as seguintes palavras:

É espaço de *transformação*. É concebida como auge do processo pedagógico, *locus* de exibição do que foi aprendido, ensaiado, incorporado. É oportunidade de conhecer novos lugares, pessoas, é ‘saída para o mundo’, frase que ganha ainda mais intensidade quando pronunciada por quem foi retirado da convivência social (HIKIJ, 2005, p. 158).

A performance é uma experiência significativa e esperada pelos integrantes. É a exibição pública do que foi aprendido e ensaiado. É o momento em que eles e o projeto social estão em destaque. Ao mesmo tempo, a performance é espaço de transformação, no qual identidades são definidas e exibidas, como Hikiji (2005) aponta. E ainda, a performance possibilita conhecer lugares, pessoas e realidades diferentes do cotidiano dos integrantes.

A musicalidade na performance, compreendida como o conjunto das variadas dimensões do fazer musical que inclui o caráter objetivo da habilidade técnica e a subjetividade artística, pode ser, como sugere Swanwick (2008), uma prática significativa capaz de gerar seus próprios modelos de desenvolvimento artístico.

O desenvolvimento da musicalidade na performance passa, necessariamente, pela expressividade, pelo estudo técnico, mas também pela espontaneidade, capacidade de adaptação e comunicação de quem a pratica.

Haguiara-Cervellini (2003) afirma ainda que os surdos expressam musicalidade à sua maneira, às vezes, diferentemente dos ouvintes, mas nem por isso, eles sentem a música ou expressam a musicalidade de maneira inferior aos ouvintes. O meio pode ser diferente, mas o fim talvez não o seja. Ainda nesse âmbito, ela enfatiza que

O sujeito surdo deve ter todas as chances de uma vivência musical ampla que garanta o desenvolvimento de sua sensibilidade musical, lhe possibilite expressar sua musicalidade, lhe dê condições de descobrir, explorar e se apossar dos elementos musicais como recursos para citar e resgatar a prática natural e fazer a própria música (HAGUIARA-CERVELLINI, 2003, p.85-86).

No trecho citado, o que mais nos chama a atenção é o fato de que a música deva, sim, ser oportunizada aos surdos.

Suas habilidades são exibidas para um público amplo, que pode incluir seus familiares, amigos surdos e pessoas curiosas. Ao levar, em apresentações ao público, o seu conhecimento musical, cada jovem surdo da banda Ab'Surdos dá demonstração de sua capacidade de atuar como músico/artista.

As identidades dos participantes continuam em constante transformação por meio de comparações com outras pessoas e do monitoramento de seus comportamentos e de suas conquistas. Quando eles percebem que são artistas, capazes de emocionar várias plateias, de serem admirados e até invejados pelas pessoas, eles se sentem importantes e especiais. Sentimentos essenciais para sua autovalorização, e assim eles se sentem capazes de ser o que quiserem, contando principalmente com o seu esforço próprio.

Sem ignorar as transformações que a performance efetua nos performers de maneira individual, como "finalização de uma experiência", mas que no caso da Banda Ab'Surdos vai além, são transformações que ocorrem no espaço da coletividade. A prática em conjunto favorece a criação de vínculos afetivos entre os participantes e se acentua nas redes de sociabilidade. A dinâmica das apresentações contribui para a ampliação do horizonte social do jovem, sugere o exercício da alteridade e resulta na aquisição de habilidades e vivências, o que contribui para dar destaque ao jovem em seu grupo de origem.

## Considerações Finais

A possibilidade musical para surdos não é inteiramente aceita, visto que, se música é som, como conceber que uma pessoa que não escuta possa desfrutar ou mesmo produzir uma manifestação sonora? Percebemos que é possível, sim, mesmo sem ouvir, fazer parte de uma realidade musical. Ainda que essa situação se perceba de forma diferenciada, isto é, partindo do parâmetro vibracional, a estética musical que os ouvintes têm pode também ser avaliada pelos surdos.

Atividades na área de Educação Musical com surdos são possíveis de ser realizadas, se forem feitas as adaptações necessárias ao conteúdo que se deseja trabalhar. O aluno surdo é receptivo a esse tipo de atividade musical, cabendo aos educadores a criação de condições necessárias ao trabalho, oportunizando sua inclusão. Além disso, deve-se levar em conta a individualidade de cada surdo, pois é de fundamental importância a forma pela qual o professor-regente trabalha a música no contexto de limitação auditiva, criando novas possibilidades para os alunos que sentem dificuldades na execução do exercício e ampliando para graus mais complexos aqueles que têm mais facilidade. O educador pode propor atividades diferentes dependendo do nível de cada um sem deixar perder a integração entre o grupo.

A excelência na performance é possível e deve ser buscada, todavia a banda Ab'Surdos não deve visar apenas o produto musical, deve possibilitar novas significações e experiências. Precisam ser trabalhadas a criatividade, a crítica e a reflexão para que os surdos construam seus próprios significados, estabeleçam suas próprias conexões. Não há por que resumir a prática de conjunto a uma atividade de imitação sem sentido e sem significações para seus integrantes.

Fazer música em banda, tocando, é transformador. Tocar em grupo, reconhecer-se nesse grupo, sentir-se parte, reconhecer-se como artista com capacidade de atrair a admiração das pessoas (plateia), tudo isso é uma possibilidade decorrente do efeito transformador, e pode causar impactos significativos na vida desses adolescentes surdos.

As experiências vivenciadas na Banda Ab'Surdos exercem um importante papel na construção da identidade de cada um dos participantes, tanto por meio das suas performances e comparações sociais, quanto mediante o repertório e suas delineações. Fazer parte dessa banda integra uma diferente identidade aos participantes surdos.



Enfim, a aprendizagem musical por parte do surdo também precisa ser discutida no universo pedagógico musical. Esse é um campo ainda pouco explorado no Brasil. O que não podemos esquecer é que, se música é importante para TODOS, então é importante também para os surdos.

## Referências

- BORÉM, Fausto. Metodologia de pesquisa em performance musical no Brasil: Tendências, alternativas e relatos de experiência. *Cadernos da Pós-Graduação*, vol.5, no 2. Campinas: UNICAMP, 2001, p.19-33.
- FINCK, R. *Ensinando música ao aluno surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva*. Tese de Doutorado- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- GONÇALVES, Dorcelita Barbosa; OLIVEIRA, Marcos Roberto. *Termos Musicais em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS*. Uberlândia: Pessalácia, 2011.
- HAGUIARA-CERVELLINE, Nadir. *A Musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus, 2003.
- HIKIJ, Rose Satiko G. *Etnografia da Performance Musical: identidade, alteridade e transformação*. Horizontes Antropológicos, v. 24. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, jul/dez 2005.
- KELLER, Helen. *A história de minha vida*. São Paulo: Antroposófica, 2001.
- LOURO, Viviane dos Santos; ALONSO, Luís Garcia; ANDRADE, Alex Ferreira de. *Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas*. São José dos Campos,SP: Ed. do Autor, 2006.
- STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: UFSC, 2009.
- PEREIRA, Sarita Araújo. *O surdo: Caminho para Educação musical*. In: XIII Encontro Anual da ABEM. P. 966-970. Rio de Janeiro, 2004
- PERLIN, Gládis, Teresinha. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura, Corcini. *A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da Educação*. p. 73-82, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- PPP. *Projeto Político Pedagógico da escola estudada*. 2012 (documento não publicado).